

INFORME MENSAL

A.H.J.B

Ano 4 - Junho de 2012	Nº 31
Edição do Arquivo Histórico Judaico Brasileiro	
EDITOR: Samuel Belk	

Neste número

- 1- Documentos, Livros e imagens...
- 2- O homem de Kiev
- 3- Histórias de Vida- Raimundo Ribeiro Pedreira
- 4- Mãe Judia
- 5- 5ª Amostra do Audiovisual Israelense
- 6- A perda do violinista Perez Dworecki

Documentos, livros e imagens do Rabino Yeuda Busquila no AHJB

Para todos aqueles que conheceram o querido professor Busquila talvez não saibam da sua longa trajetória e vida dedicada ao estudo. Nascido em 1930 no Marrocos, frequentou o seminário rabínico de Tanger de 1942 a 1947, quando mudou para L'École Supérieure de Sciences Talmudiques, em Aix – Lês – Bains, na França até 1948.

Nos anos de 1951 a 1953 estudou no Seminário de professores de Língua e Cultura Judaicas em Jerusalém, em Israel, sob a direção da Universidade Hebraica de Jerusalém.

Foi orientador e professor de jovens de Língua Hebraica e Diretor Cultural nos anos 1953 a 1956 no Kibutz Kfar Aza em Israel. De 1956 a 1958 foi professor do Centro nacional de Alfabetização para imigrantes na cidade de Kiriat – Gat. Neste período frequentou cursos para professores de Língua e Literatura Hebraica.

Em 1960, já no Brasil, foi contratado pelo Colégio Renascença como professor de Língua Hebraica. Em 1969 foi aprovado no exame de Língua Hebraica elaborado pela Universidade Hebraica de Jerusalém, na Casa de Cultura de Israel, sob os auspícios da Embaixada de Israel no Brasil, e o Departamento de Línguas da FFLCH-USP. Graduou-se em Língua e Literatura Hebraica em 1972. Concluiu sua formação de professor pela USP em 1973. Frequentou durante esses anos vários cursos de História Judaica e Estudos Bíblicos promovidos pelo Centro de Estudos Judaicos FFLCH-USP.

Foi contratado como diretor e professor de hebraico no Ginásio I. B. do Cambuci, professor de língua hebraica também na Casa de Cultura de

Israel e do Colégio I. L. Peretz. Elaborou diversas matérias didáticas para o ensino da língua hebraica. Foi professor de língua hebraica na cadeira de Hebraico do Departamento de Línguas Orientais da FFLCH-USP. Em 1976 obteve o título de mestre em História Social. Atuou como rabino e professor na Congregação Israelita paulista – CIP entre outros.

Depois da enorme dor pela perda do nosso querido rabino no final do ano de 2011, recebemos o telefonema de sua filha, Sima, que escolheu o Arquivo Histórico Judaico Brasileiro como guardião dos seus documentos, fotos, livros e apostilas. Entre os documentos doados estão: certificados da escola cursada em Tanger; diploma do Mestrado em História Social na USP; fotos de sua juventude em Israel e dos primeiros anos no Colégio Renascença e sua atuação na Congregação Israelita Paulista; livros em hebraico e textos de sua autoria.

O homem de Kiev

No fim do século XIX e começo do século XX, a Rússia atravessava uma crise sem precedentes. O ambiente político e social deteriorava-se a passos largos. Com a morte do czar Alexandre II, em 1881, seu sucessor, encontrou na população judia o bode expiatório perfeito. Era o início dos terríveis massacres organizados (pogroms) pelo Exército Vermelho às pequenas aldeias judias. Neste cenário nebuloso, chamou a atenção o caso Beilis.

Em março de 1911 um menino cristão foi encontrado morto nos arredores de Kiev, mutilado e completamente exangue. O crime foi atribuído a Mendel Beilis, um oleiro judeu que trabalhava próximo à cena do crime. Organizações antissemitas acreditavam que o sangue cristão pueril era matéria-prima de um macabro ritual judaico, que usava o líquido vermelho para a preparação do pão ázimo. Beilis foi imediatamente considerado culpado, sendo torturado diversas vezes.

Cinquenta anos depois o escritor americano Bernard Malamud, filho de judeus russos, resolveu recriar o episódio, transferindo o fardo para o personagem Iákov Bok, “O Faz Tudo”.

Entediado pela vida amesquinhada em sua aldeia e cercado pelas leis da Torá, Iákov resolve mudar-se para Kiev. Com poucas ferramentas e na companhia de dois ou três livros amarelados entre os quais uma biografia do filósofo Spinoza, cujos pensamentos foram o deflagrador de sua partida, “O Faz Tudo” empreende a jornada que mudará por completo sua existência. Ao chegar à “maravilhosa Kiev, mãe de todas as cidades russas”, Iákov salva a vida de um empedernido antissemita, integrante dos paramilitares das Centúrias Negras. Sem

saber da origem do “Faz-Tudo”, acaba empregando-o na olaria de sua família. A convivência amistosa entre os dois, que se estendia à filha do velho homem é acidentalmente interrompida pelo assassinato do pequeno Jênia Gólov.

Sem chance de defender-se, Iákov é acusado e preso. E resiste todavia ao confinamento solitário, aos grillhões atados em seu corpo e às revistas vexatórias. Na cela fétida e sombria, recusa-se terminantemente à confissão forçada. É o início de uma penosa jornada Lançado em um vórtice, “O Faz Tudo” dá início á mais longa viagem de sua vida, da qual sairá ciente de suas limitações, sábio da amarga condição humana que o cerca e aflige os judeus de sua época.

Filho de judeus russos, Bernard Malamud (1914-1986) nasceu em Nova York. Ao longo de sua vida literária escreveu oito romances, além de livros de contos. O Faz-tudo é considerado sua obra prima, com a qual arrebatou o Púltzer e o National Book em 1967.

O livro foi traduzido por Maria Alice Máximo, tem um posfácio do escritor Moacyr Scliar e publicado em 2006 pela Editora Record.

O filme, baseado no livro, foi lançado nos Estado Unidos em 1968 e seu DVD, dublado em português, se encontra em nossa filmoteca.

Transcrito do Livro “O Faz Tudo” de Bernard Malamud

Histórias de Vida- Raimundo Ribeiro Pedreira

O Núcleo de História Oral do Arquivo Histórico Judaico Brasileiro coletou ao longo de seus 20 anos de existência, através de entrevistas, aproximadamente 400 histórias de vida de imigrantes, seus descendentes e outras pessoas que integram a comunidade judaica paulistana. Retratamos aqui parte da história de vida deste senhor, cujas origens portuguesas e circunstâncias pessoais o levaram a crer, como muitos outros brasileiros, que seus antepassados eram de origem judaica, o que os levou a querer conhecer mais sobre judaísmo e eventualmente seguir a fé judaica.

Meus bisavós eram portugueses, mas os avós já nasceram no Brasil. Minha avó era prima do meu pai e minha bisavó paterna era prima da minha bisavó materna. Minha família tem muito disso, fica na família mesmo! Eu tenho dupla nacionalidade, brasileira e portuguesa também.

Eu nasci numa cidade no interior do Maranhão, Caxias, em 15 de agosto de 1949. Sou o mais jovem de cinco filhos. Dois já faleceram e tenho uma irmã e um irmão que moram em Brasília. Meu

pai era comerciante, já falecido e minha mãe dona de casa. Naquela época as mulheres não trabalhavam!

Eu estudei sempre em colégio de padres católicos! O primário e o ginásio eu fiz em Caxias e o científico fiz em Brasília no Colégio Dom Bosco. Lá eu morava com minhas irmãs. Em Brasília eu fiquei quatro a cinco anos. Depois foi a época de vestibular e eu já tencionava fazer medicina. Eu estava me preparando no cursinho quando o adido cultural da embaixada de Portugal foi lá e propôs um intercâmbio em Portugal. Falei então para o meu pai: olha meu pai, eu tenho que fazer isso, surgiu essa oportunidade em Portugal, eu vou retornar pra terrinha! Ele ficou muito alegre, ele queria ter um filho médico e assim eu fui pra Portugal!

Eu fiz o primeiro ano de medicina na Universidade de Lisboa, mas eu não me adaptei bem ao clima de Lisboa, então eu fui para Coimbra, que embora mais frio eu me adaptei mais. Em Portugal eu fiz residência em Medicina de Trabalho mas, eu quis voltar para o Brasil porque meus pais eram idosos e eu não queria que eles, no fim da vida, ficassem longe do único filho médico! Eu tinha casado com uma portuguesa cujos pais moravam em São Paulo, então viemos para São Paulo e me adaptei muito bem. O meu diploma da Universidade de Coimbra foi reconhecido, pois Portugal é o único país do mundo que ainda tem esse intercâmbio cultural com o Brasil e o diploma é aceito porque o currículo é o mesmo.

Eu fiz a residência no hospital São Camilo com Mario Degni em cirurgia vascular e fiquei assistente dele até quando ele parou de trabalhar. Fiquei dezesseis anos como cirurgião vascular, mas acabei largando o vascular e fiquei só com a Medicina de Trabalho que é uma medicina muito bonita e muito mais prazerosa porque eu ensino a pessoa a não adoecer. Além disto, eu tenho segunda a sexta feira para trabalhar e Sábado eu não trabalho e posso muito bem cumprir meu Shabat!

Como que eu me tornei judeu? Eu acho que já nasci judeu! Minha mãe era uma ortodoxa católica daquelas que se deixassem, ela ia para igreja todo dia. Já meu pai não era muito religioso e ele ia para igreja porque era uma obrigação, mas ele rezava, ele criava bonitas orações! Ele era contemporâneo

do Monsenhor Gilberto, então na hora do sermão ele dizia: vamos lá para fora, está enfadonho, eu já sei o que Gilbertinho vai dizer, ele eu conheço desde pequeno. Então a gente ia lá para fora e meu pai ficava conversando com os amigos para desgosto da minha mãe!

Embora eu não tivesse a tradição judaica, eu sempre fui arredio à religião católica! Se você me perguntar por que eu não sei, mas nunca acreditei em ter que fazer promessa para Santo, entrar numa igreja e ver Santo isto, Santo aquilo! Acho que se eu posso falar diretamente com o Pai para que eu precise falar com o intermediário? Foi isso! Na época que eu morei em Portugal, lá na Universidade tinha muito descendente de Sefaradi, quer dizer Cristãos Novos! Eles não diziam, eles tinham perdido a tradição.

Mas eu sei pelo sobrenome, porque lá em Portugal embora a maior parte fossem Cristãos Novos de origem Sefaradi tinha também alguns Askenasi que vieram da Alemanha e foram para Portugal e lá em Portugal mudaram de sobrenome. Saíram Steinbruch da Alemanha e chegaram em Portugal Pedreira! Saíram Stein e chegaram Pedra. E lá na Universidade tinha famílias Pedra e minha família é Pedreira. Eu tenho dicionário de sobrenomes Sefaradi e todos os sobrenomes da minha família são Sefaradi: Moura é sefaradi, Rodrigues da minha esposa, é sefaradi, Ferreira também, Pinto também, Pimentel da minha avó também!

Foi em Portugal que começou meu interesse pelo judaísmo. Inclusive eu andei procurando Rabino para ver se havia uma condição de eu fazer uma conversão mas não encontrei Os judeus que eu conheci lá eram judeus brasileiros. Eu estudei com um colega judeu que mora em São Paulo, convivi muito com ele, então esse contato também despertou meu interesse e eu comecei a ler bastante sobre o assunto.

Minha irmã a mais velha a Isa é que está tentando fazer a árvore genealógica da família. Tudo começou com três irmãos Pedreira que ela descobriu que vieram para o Brasil. Muitos documentos estavam lá na igreja do batismo do meu bisavô e o padre da época, ignorante, em vez de pegar esses documentos e mandar para um padre que pudesse tentar esclarecer, não, ele preferiu tocar fogo em tudo, então acabou! Uma

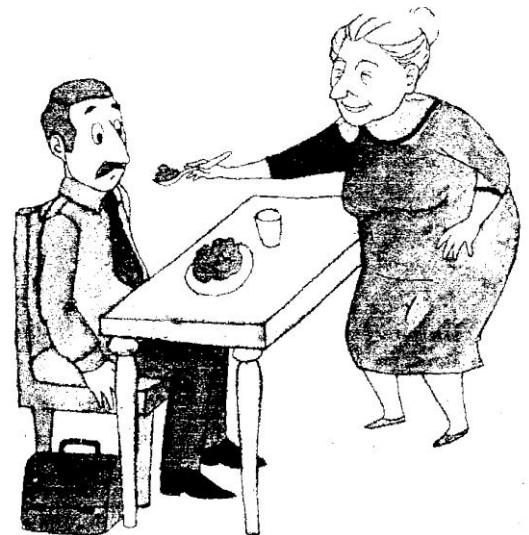
das vezes que eu fui para Portugal com ela na Torre do Tombo procuramos e não encontramos. Tem uma cidade próxima de Coimbra que se chama Pedreira e a próxima vez que eu for a Portugal, vou querer ir nessa cidade e tentar descobrir a origem dos primeiros Pedreiras de Portugal!

Estou lendo agora o Zohar, não o original, estou lendo o resumo e já está me dando uma visão muito bonita e eu comecei a ler também o Tania. Uma vez assistindo o Programa Shalom Brasil apareceu lá que ia ter uma palestra no Beth Chabad sobre leis de Cashrut, foi ótimo! Ai eu estou lá sentado bonitinho e chegou o Rabino que é Chabad e perguntou quem eu era. Eu falei: eu não sou um judeu nato, graças a Hashem não sou, porque se eu fosse judeu nato eu poderia não procurar ser religioso. Eu já encontrei muitos judeus de mães judias que só dizem ser judeus no Rosh Hashana e Yom Kipur!

Eu optei, eu quis ser, eu não nasci judeu, eu tive oportunidade de ser nada na vida, mas eu quis ser judeu! Rabino abre o jogo, se o senhor não aceita um convertido aqui o senhor me diga e eu vou embora. Eu vim aqui para poder tentar ter mais conhecimento. Conversamos lá uma hora e meia, ele tentando me dissuadir, fazer com que eu não fosse judeu. Bem, ele acabou me aceitando, mas foi uma briga feia!

Entrevista realizada em 15 de agosto de 2007 por Paulina Firer e Sueli Epstein, com transcrição de Thea Joffe e edição de Sueli Epstein.

Mãe Judia



Yidishe màme - MÃE JUDIA - ייִדישע מאַמע

Do livro Pragas e Provérbios da pesquisadora Genni Blank, membro da diretoria do Museu Judaico do Rio de Janeiro e participante em atividades concernentes à comunidade judaica nos campos cultural, político e assistencial.

5ª Mostra do Audiovisual Israelense

A Mostra do Audiovisual Israelense visa trazer o melhor da produção audiovisual israelense para o público brasileiro. Nesta quinta edição, a mostra concentra-se em duas temáticas distintas: um panorama da atual produção israelense e uma seleção dos chamados “Bourekas Filmes”, aproximando-os da chanchada brasileira e do cinema caipira. A mostra acontece no Centro da Cultura Judaica, no clube A Hebraica, Cinemark Pátio Higienópolis, Cine USP.

A abertura ocorre no dia 31 de maio, às 21h, no Centro da Cultura Judaica, com o lançamento nacional de *Footnote*, de Joseph Cedar, que concorreu ao Oscar de melhor filme estrangeiro de 2011.

O panorama contemporâneo visa trazer para o público brasileiro o melhor da produção audiovisual israelense recente. Os filmes a serem apresentados são *Os policiais* (de Nadav Lapid), *2night* (de Roi Werner, e com a presença do diretor), *Testemunho* (de Shlomi Elkabetz, e com a presença do diretor), *O Apartamento* (de Arnon Golfinger), *O Dilúvio* (de Guy Nattiv), *Minha Austrália* (de Amid Drozd), *Invisível* (de Michal Aviad), *Minha adorável irmã* (de Marco Carmel), *Rabies* (de Navot Papushado & Aharon Keshales), *Restauração* (de Yossi Madmony) e *Soldado Cidadão* (de Silvina Landsmann).

A seleção histórica de “bourekas filmes” busca colocar em perspectiva duas tradições cinematográficas distintas. Os “Bourekas Filmes” são comédias já clássicas do cinema israelense que lidam com os diferentes desdobramentos dos contatos entre judeus europeus e judeus vindos dos países árabes, bem como o processo de urbanização de Israel. Tal tendência é aproximada, em um debate com pesquisadores sobre cinema brasileiro, do Cinema Caipira, que trata de questões análogas (como os choques oriundos dos processos de modernização e urbanização), e a Chanchada.

Os filmes selecionados são: *Sallah Shabati* (de Ephraim Kishon), *Charlie e Meio* (de Boaz Davidson), *Festa na Sinuca* (de Boaz Davidson) e *Katz e Carasso* (de Menahem Golan).

A mostra tem como programadores Andréa Borrotchin e Hugo Casarini. Atividades educativas serão realizadas na Academia Internacional de

Cinema e na Escola São Paulo. De 31 de maio a 10 de junho

Salas: Centro da Cultura Judaica, Clube A Hebraica, Cinemark Pátio Higienópolis e Cine USP
Informações pelo telefone: 3065-4333

A perda do violinista Perez Dworecki

Léa Vinocur Freitag

O som encorpado e doce da viola foi cultivado por Perez Dworecki durante quase a totalidade dos seus 92 anos de vida – faleceu em 15 de maio. Durante 35 anos foi *spalla* das violas da Orquestra Sinfônica Municipal de São Paulo, além de professor do Departamento de Música da Escola de Comunicações e Artes da USP. Nascido na Hungria, cursou a Academia Musical Franz Liszt, em Budapeste, e se apresentou na Áustria e na Itália antes de adotar a cidadania brasileira.

Filho único de um sapateiro, Perez Dworecki teve lances dramáticos na vida. Seu nome, depois alterado, era Sándro Herzfeld. Durante a Segunda Guerra perdeu os pais e foi enviado a um campo de concentração, onde se salvou porque tocava violino para os soldados. Chegou a São Paulo no fim dos anos 40 e conseguiu emprego tocando em rádio.

Deixou 13 discos, inclusive obras para viola e orquestra. O CD “Poema” contém peças conhecidas e melodiosas, como “Apenas um coração solitário” de Tchaikowsky e “Berceuse” de Jocelyn. Gravou com Fritz Jank, Gilberto Tinetti e Paulo Gori, com quem realizou o CD “O canto da terra”, com compositores brasileiros. É notável a gravação de obras de Bach para viola da gamba. Teve contato com músicos como Villa-Lobos, Camargo Guarnieri e Radamés Gnattali.

Colaboradores

Myriam Chansky, Maria Theodora Barbosa, Fábio Zuker, Léa Vinocur Freitag, Lucia Chermont, Rebeca Belk, Sueli Epstein, e Hadasa Cytrynowicz(correspondente de Los Angeles).

Arquivo Histórico Judaico Brasileiro Presidente: Mauricio Serebrinic

**Rua Estela Sezefreda, 76- Tel. 3088-0879 2157-4121
E Mail: ahjb@ahjb.org.br Site: www.ahjb.org.br**

Esta edição: Quatro páginas.

Tiragem: 800 exemplares, sendo 150 impressos e 650 digitais.

Todos os números anteriores do Informe se encontram no Site do Arquivo.